



TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS EM FORMAÇÃO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO GRUPO DE PESQUISA E EXTENSÃO PALCO RESISTÊNCIA

Fernandes, Alicia¹
Tavares, Ellen²
Juvencio, Letícia³

1 Faculdade Sesi de Educação - alicia.fernandes3@faculdadesesi.edu.br

2 Faculdade Sesi de Educação - ellen.tavares@faculdadesesi.edu.br

3 Faculdade Sesi de Educação - leticia.juvencio2@faculdadesesi.edu.br

RESUMO

O Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência, desenvolvido na Faculdade Sesi de Educação, propõe a vivência do Teatro Fórum como prática pedagógica lúdica, crítica e participativa, capaz de estimular pertencimento, diálogo e ações transformadoras no ambiente escolar. Composto por estudantes de diferentes cursos da graduação, o grupo encontra-se semanalmente para estudar textos, jogos cênicos e técnicas teatrais. Simultaneamente, são apresentadas esquetes em diferentes escolas utilizando o Teatro Fórum como ferramenta de mediação e enfrentamento de violências vivenciadas no ambiente escolar. Essa ação promove o diálogo, desperta o sentimento de pertencimento nos participantes e a transformação das relações entre estudantes e com o corpo docente. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo relatar duas experiências vivenciadas como integrantes do Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência e investigar os impactos pedagógicos do uso do Teatro Fórum, com foco no enfrentamento da violência verbal por estudantes da educação básica em diferentes escolas da Grande São Paulo. A pesquisa surge da necessidade de valorizar e divulgar práticas formativas de estudantes de licenciatura capazes de promover o diálogo, ressignificar vivências e contribuir para a transformação das relações escolares. O referencial teórico articula a *Pedagogia do Oprimido* (Freire, 1968), o *Teatro do Oprimido* (Boal, 2010), a perspectiva da experiência (Tuan, 1983) e o conceito de sofrimento ético-político (Sawaia, 2004), integrando pedagogia crítica, arte e enfrentamento das exclusões socioculturais.

Palavras-chave: Teatro Fórum; Diálogo; Prática.

1. INTRODUÇÃO

Uma vez que o Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência é composto por estudantes das graduações em licenciatura da Faculdade Sesi de Educação, propondo o teatro para os alunos da educação básica, a temática deste trabalho justifica sua importância para a formação de professores pesquisadores, além da transformação da escola em um espaço de diálogo para os estudantes. Como citado por Bader Sawaia (1999), com a exclusão, vinda principalmente do sofrimento ético-político instaurado pelo convívio sociocultural ao qual se está inserido, o indivíduo sofre devido às intersubjetividades delineadas socialmente em seu cotidiano. Sendo assim, cabe à escola, como órgão educacional responsável pela formação de crianças e jovens, abrir um espaço de diálogo que estimule a reflexão crítica e o anseio de vivenciar uma educação libertadora.

Paralelamente, essa pesquisa investiga como se instaura o processo de pertencimento em um espaço coletivo a partir da perspectiva da experiência, utilizando metodologias lúdicas e artísticas. O Teatro Fórum, explorado por professores em formação no Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência, aberto para estudantes da educação básica, estabelece uma relação de diálogo que desperta a consciência social e a disposição para a transformação social. Dessa forma, os estudantes se apoderam da capacidade de criar, refletir, dialogar e subverter as suas vivências cotidianas por meio da arte teatral. Portanto, essa intervenção artística oportuniza um momento de debate e escuta dos estudantes, a partir de uma pedagogia crítica com aspectos do ensino decolonial, colocando os alunos como parte da solução dos problemas sociais de seu ambiente de convívio.

Para além do relato de experiência como participantes do grupo, a associação das observações do cotidiano escolar com o processo de formação de professores demonstra a necessidade de graduandos em licenciatura transformarem suas realidades escolares por meio da participação ativa. O objetivo geral consiste em relatar duas experiências vivenciadas como integrantes do Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência investigando os impactos pedagógicos do uso do Teatro Fórum. Já os objetivos específicos estão baseados na análise do enfrentamento da violência verbal por estudantes da educação básica em diferentes escolas da Grande São Paulo por meio da prática do Teatro Fórum e na afirmação da importância da participação de professores em formação em projetos de extensão que propõem o contato direto com as escolas. Nesse sentido, esse trabalho se desdobrará a partir da fundamentação teórica utilizada, o relato de duas experiências vivenciadas, seguido de uma análise e as considerações finais sobre as conexões estabelecidas entre teoria e prática dentro do Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência.

2. DESENVOLVIMENTO

A fundamentação teórica articula diversos autores que, em diálogo, sustentam uma prática educativa crítica e transformadora. O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2010) sendo a referência basilar dessa pesquisa, apresenta o Teatro Fórum como uma modalidade de teatro em que o sujeito pratica um ensaio para a ação na vida real. Nesse sentido, consiste em uma ferramenta que permite que os participantes expressem seus pensamentos através da palavra e da ação teatral.

Simultaneamente, a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (2017), defende uma educação construída no diálogo e na problematização da realidade, rompendo com as estruturas de opressão e promovendo a emancipação dos sujeitos. Para Freire (2017, p. 81), “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, o que

reforça a centralidade da ação coletiva. Dessa forma, o Teatro do Oprimido complementa essa visão ao oferecer uma metodologia artística que transforma o espectador em “espect-ator”, um sujeito ativo na busca por soluções para os problemas sociais apresentados em cena. O “espect-ator” deixa o papel de mero espectador, presente nas peças de teatro convencionais e se torna um agente com poderes de modificar e experimentar a transformação que deseja na cena.

A experimentação, no contexto da educação básica, é uma vivência essencial para a formação de sujeitos críticos e expressivos. Sob esse viés, este trabalho articula também o conceito de experiência de Yi-Fu Tuan (1983). Aprofundando o entendimento do papel das vivências no processo formativo, Tuan destaca que é por meio da experiência significativa que os sujeitos ressignificam sua relação com o espaço e com o outro. Ao participar do Teatro Fórum, o estudante presencia uma simulação de uma cena cotidiana a qual ele pertence, podendo ser, na vida real, a vítima da violência, o praticante da violência ou, até mesmo, um aluno omissor que apenas assiste a situação. No entanto, como “espect-ator” dessa dinâmica, ele assiste como espectador, compreendendo que aquela cena compõe as suas vivências e, também, como agente transformador, que precisa tomar uma decisão para solucionar o problema apresentado.

Nesse contexto, as observações realizadas durante as apresentações do Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência demonstram que as experiências vivenciadas pelos estudantes das escolas da Grande São Paulo estão pautadas no enfrentamento da violência verbal. Por essa razão, este trabalho se apoia ainda no conceito de sofrimento ético-político (Sawaia, 2004) que evidencia como a exclusão e a opressão atravessam as subjetividades e as relações escolares. A vivência escolar contemporânea reforça o silenciamento das subjetividades dos estudantes a partir das opressões ou negligências vindas dos colegas, do corpo docente, da administração ou mesmo das famílias. Sendo assim, a escola como um espaço de construção de memórias e vínculos favoráveis à formação integral dos estudantes, exige práticas pedagógicas comprometidas com a superação dessas contradições.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE

A fim de apresentar as práticas realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência demonstrando sua importância para o cenário acadêmico e educacional, serão apresentados dois relatos de experiência de diferentes escolas da Grande São Paulo, o primeiro desenvolvido na Escola Estadual Dulce Ferreira Boarin e o segundo na Escola SESI Tatuapé. Para a conservação dos dados coletados, gravamos as apresentações que podem ser utilizadas, posteriormente, como fonte de pesquisa e análise dos membros do grupo.

Primeiramente, há um diálogo entre o diretor do grupo e a coordenação pedagógica da escola em questão. Com o objetivo de identificar as questões enfrentadas pelos estudantes, o conteúdo dessa conversa é estendido para os membros do grupo para que a cena possa ser criada a partir do cenário apresentado pela escola.

3.1 Relato de Experiência A

Na Escola Estadual Dulce Ferreira Boarin, localizada na zona norte de São Paulo, a apresentação, com duração de uma hora e meia, foi direcionada para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, e tinha como temática principal o desrespeito no contexto escolar. Dentre as personagens, selecionamos cerca de seis atores para fazerem os estudantes, sendo um deles a vítima do desrespeito na sala de aula, dois deles os principais opressores que praticavam a

violência verbal e, o restante, estudantes figurantes nas cenas da sala de aula. Havia também outras personagens como a mãe e o pai da vítima, professoras da turma e diretora da escola.

Descrição das cenas

CENA 1- Casa de Ana: Ana sai do quarto procurando sua mochila e chamando pela mãe que, por sua vez, está com a mochila e encontra dentro dela uma prova em que a filha tirou nota baixa, chama sua atenção e vai falar com o pai. Enquanto isso, Ana, aflita, tenta se desculpar pela nota baixa e pegar sua prova e sua mochila. O pai responde que não tem tempo para esse problema e manda, grosseiramente, Ana ir para a escola e a mãe ir lavar a louça. Por fim, a mãe diz que vai ligar na escola para entender porque a filha está com nota baixa.

CENA 2- Conversa entre professoras e diretora: duas professoras estão reclamando sobre a turma, quando chega a diretora querendo entender porque a mãe de Ana ligou na escola perguntando sobre suas notas baixas. Uma das professoras responde que Ana dá muito trabalho em sala desrespeitando seus colegas e não presta atenção nas aulas. A diretora responde que a professora precisa resolver essa situação, pois não quer receber mais reclamações da família.

CENA 3- Aula: Ana chega na sala e seus colegas já estão sentados conversando entre si. Há uma colega sentada no lugar de Ana, ela a expulsa, sem paciência, e senta em seu lugar. A professora chega estressada com a reclamação da diretora e pede silêncio. Porém, duas alunas ficam implicando com Ana, chamando-a por apelidos e fazendo piadas com ela. Ana grita com as colegas pedindo que parem. A discussão continua até que a professora perde a paciência e pede para Ana sair da sala, ela tenta se justificar dizendo que as colegas estão praticando bullying com ela, mas a professora, irredutível, expulsa Ana da sala.

Figura 1 - Apresentação na Escola Estadual Dulce Ferreira Boarin



Fonte: acervo do grupo Palco Resistência, 2025.

Problemas apontados pelos estudantes

Previamente, o diretor do grupo, chamado no Teatro Fórum de Coringa, explica como funciona o Teatro Fórum, esclarecendo que haverá alguns momentos para assistir e outros para dialogar e, quando oportuno, os espectadores serão convidados a modificar a cena assumindo o papel dos atores ou explicando aos atores o que eles devem modificar em sua atuação. A primeira encenação é realizada como em um teatro convencional e, logo após, o Coringa inicia o diálogo com um questionamento: “Ocorreu algum problema nessas cenas?” A partir das respostas dos estudantes, vai se delineando uma síntese da cena em que é possível identificar quem são as vítimas, quem são os opressores e quais foram as violências apresentadas. Nesse caso, os alunos trouxeram os seguintes apontamentos: A) A professora não tem paciência, B) O pai é machista

com a mãe, C) Ana sofre bullying, D) O pai só ficava no celular e não dava atenção à Ana e E) Ana tem notas baixas porque sofre bullying.

Soluções propostas pelos estudantes

Após a constatação dos problemas, os estudantes são convidados pelo Coringa a sugerir alterações na cena para solucioná-los, podendo trocar de lugar com algum ator ou dar as coordenadas para ele. Para isso, são estabelecidas duas regras, não se pode trocar de lugar ou alterar as ações dos opressores principais, que nesse caso são as alunas que desrespeitam Ana, e a solução não pode ser baseada em uma nova violência, partindo do princípio de que já há uma violência a ser resolvida.

A primeira proposta, feita por um dos alunos, foi de solucionar a Cena 1 entrando no lugar da personagem Ana e adicionando uma conversa com o pai. O aluno representando o papel de Ana, ao conversar com o pai, diz que lavar a louça não é um papel só da mulher e que, aliás, ele é quem deveria fazer essa tarefa, além de pedir para o pai se desculpar com a mãe.

A segunda proposta veio de três alunas, que escolheram participar juntas para modificar a Cena 2, duas delas fazendo o papel de alunas figurantes e a terceira o papel da professora. Logo que Ana entra na sala de aula e suas colegas começam a rir e fazer comentários sobre ela, a aluna, atuando como professora, pergunta se elas gostariam de ser tratadas dessa forma como estavam tratando Ana, dizendo ainda que aquela atitude é errada e não deveria se repetir.

A terceira proposta de um dos alunos foi fazer o papel de um aluno figurante para modificar a Cena 2, dizendo para as alunas que implicam com Ana que elas estão desrespeitando uma amiga e que essa atitude estava beirando um caso de bullying, essa mudança faz a professora enxergar o problema e chamar a atenção dessas alunas. Após cada cena reconstruída, os estudantes são convidados pelo Coringa a refletir se o problema foi resolvido e se ainda há resquícios da violência apresentada. Durante essa reflexão, os estudantes dialogam sobre problemas que não foram vistos anteriormente. Por exemplo, somente após a segunda proposta de mudança é que os estudantes perceberam que a atitude de Ana, ao expulsar a colega que está sentada em seu lugar, não é gentil, e ela está tendo atitudes problemáticas assim como as suas colegas que praticam o bullying.

Nessa apresentação, o público alvo eram as turmas do sexto ano, no entanto, alguns alunos do ensino médio que estavam participando como monitores da escola para receber o grupo da faculdade, assistiram e decidiram participar do diálogo. Duas estudantes se envolveram com a proposta e resolveram atuar também, trocando de lugar com uma aluna figurante e com a professora.

Modificando a Cena 2, a professora perguntava para as duas alunas que implicam com Ana se estava havendo algum problema entre elas e a nova aluna contava o que estava acontecendo e dizia que essa atitude era errada, afirmando que elas deveriam cuidar de seus próprios afazeres ao invés de implicar com a colega. Então, a professora conversa com Ana, perguntando se ela está bem, Ana responde que está sofrendo com os comentários das colegas, nesse momento a nova aluna demonstra que está disposta a apoiá-la caso isso aconteça novamente. A professora finaliza dizendo que vai conversar com a direção da escola e com os pais de Ana para relatar e resolver esse problema.

As alunas decidem, ainda atuando, criar uma nova cena em que a professora, a nova aluna e Ana vão conversar com a diretora. Nessa conversa, a professora explica que Ana está sofrendo bullying na sala de aula e pede que a direção chame na escola os pais das alunas que estão desrespeitando Ana. A diretora pergunta se as notas baixas dela podem estar relacionadas às situações que ela está vivendo em sala e a professora concorda. Após essa proposta, os

estudantes relataram que o trabalho em coletividade facilitou a resolução do problema, uma vez que, em cena, a professora e a nova aluna se uniram para ajudar Ana.

3.2 Relato de Experiência

Na escola SESI Tatuapé, localizada na zona leste de São Paulo, foi realizada uma apresentação destinada para alunos do 7º ano com duração de 2 horas, sendo o bullying e o preconceito os temas principais. Dessa vez, o roteiro da peça consistia nas cenas: 1- Ida de ônibus até a escola, 2- Aula de português e 3- Aula de matemática. Para as personagens da Cena 1 selecionamos duas atrizes para fazerem passageiras idosas e um ator para fazer o cobrador do ônibus. Para as cenas da escola havia seis atores como alunos, sendo que três deles eram os protagonistas que se destacavam por oprimir uns aos outros, além de dois atores como professores de matemática e de português.

Descrição das cenas

CENA 1- Ida de ônibus até a escola: dois alunos estão no ponto esperando pelo ônibus, quando chega a terceira aluna, uma menina negra. Um dos alunos diz que se assustou vendo uma preta correndo na rua e que ela não devia fazer isso, eles riem entre si e nota-se um leve desconforto na risada da menina. Ao entrarem no ônibus, o cobrador apressa os alunos e as passageiras idosas reclamam da presença deles no ônibus, dizendo que não suportam esses moleques.

CENA 2- Aula de português: na escola, o professor de português começa a aula para a turma que já chegou, um dos alunos pergunta para que vai usar aquela matéria no futuro, o professor explica, mas o aluno diz que não quer ficar na aula e sai da sala. Nesse momento, chegam reclamando da aula e do professor os três alunos que estavam no ônibus. O professor diz que só está fazendo o seu trabalho, mas os alunos continuam criticando. O aluno que saiu da sala volta correndo e dizendo: “Chegou a nova professora da escola, uma gatinha!”, os alunos começam a comentar sobre esse assunto quando toca o sinal e o professor sai da sala.

CENA 3- Aula de matemática: A professora nova chega na sala e se apresenta como professora de matemática. Os meninos começam a comentar sobre a sua aparência. A professora pede silêncio e propõe que os alunos se apresentem falando seu nome, sua matéria favorita e um animal que se identifique. A medida que os alunos se apresentam, surgem comentários dos colegas como “Ela é a galinha”, “Ela se identifica com a baleia” e “Ele é o burro”, então se inicia uma discussão entre os alunos e a professora perde o controle.

Figura 2- Apresentação na escola SESI Tatuapé



Fonte: acervo do grupo Palco Resistência, 2025.

Problemas apontados pelos estudantes

Após assistirem as cenas, os estudantes apontaram as seguintes problemáticas: A) A professora nova foi assediada, B) Xingamentos entre alunos, C) Um dos alunos sai da sala sem pedir licença ao professor e D) No ônibus há uma confusão entre as passageiras e os alunos. Dessa vez, o Coringa perguntou se os estudantes já vivenciaram ou viram essas cenas acontecerem em suas realidades. Alguns deles trouxeram que já passaram por situações parecidas com a cena do ônibus e que já viram professores sendo desrespeitados ou assediados.

Soluções propostas pelos estudantes

A primeira proposta para resolver a Cena 1 partiu de uma aluna que compôs a cena como uma nova passageira no ônibus. Ela tentou acalmar tanto os alunos quanto as idosas, mas não obteve êxito. Em seguida, outras duplas e trios entraram em cena trocando de lugar com o cobrador, com os alunos e sendo novos passageiros do ônibus e foram percebendo que quando se juntavam para conversar com os personagens que estavam brigando, conseguiam amenizar a discussão.

Para as Cenas 2 e 3, foram apresentadas propostas de entrar em sala como novos alunos para intervir nas problemáticas identificadas. Uma das alunas trouxe em cena a questão do assédio, dizendo: “Se sua mãe estivesse dando aula aqui, você iria gostar que algum aluno falasse assim sobre ela?”. Uma outra proposta, além de adicionar alunos na sala, foi a de criar a personagem do diretor. Então, quando um dos alunos começou a desrespeitar os colegas, o diretor, que estava assistindo a aula, chamou-o e perguntou por que ele estava agindo daquela forma e se estava acontecendo algo em sua casa, com a sua família. Observa-se que o aluno que atuava como diretor teve a sensibilidade de dialogar com o opressor, buscando identificar a raiz da violência.

Além disso, um grupo de alunos adicionou também um personagem denominado por eles como “vigia”, mas que atua na escola como inspetor de alunos. O vigia ficava na porta da sala e não permitia que ninguém saísse, evitando a situação do aluno que saía da sala sem pedir licença e depois voltava falando sobre a professora nova.

Essa personagem, caracterizada como uma autoridade violenta, gritava com os estudantes e impedia agressivamente a saída dos alunos. É interessante perceber que, mesmo com a regra estabelecida no início, a geração de novas violências pode estar intrínseca ao cotidiano dos alunos. Dessa forma, a encenação cumpre o papel de expor essas atitudes propondo uma reflexão crítica coletiva para os estudantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da ideia de que o pertencimento está associado a um vínculo afetivo com um lugar, entende-se que, na intervenção proposta e relatada neste trabalho, o estudante se identifica com a cena que assistiu, pois a vivência diariamente, independentemente de qual seja a sua personagem. O vínculo afetivo surge a partir de memórias e símbolos criados na vivência no lugar e pode ser favorável ou desfavorável para a formação e o desenvolvimento do sujeito.

Nesse sentido, a promoção de um momento de diálogo e reflexão sobre as possibilidades e os desafios para resolver situações cotidianas, abre espaço para que os estudantes possam tentar transformar suas realidades. Como observado no relato de experiência, algumas tentativas foram falhas em um primeiro momento, mas a conversa em grupo e as novas tentativas agregando outros personagens com ideias diferentes, levaram os estudantes para o caminho da

solução. Dessa forma, para além do senso de pertencimento e experimentação, a coletividade estabelecida nessa proposta é um dos pontos de destaque para a formação e desenvolvimento dos alunos da educação básica.

Por fim, também é possível estabelecer uma relação entre os conceitos de pertencimento de Tuan (1983) e de educação libertadora de Freire (2017) com a experiência vivenciada pelos estudantes da graduação, membros do Grupo de Pesquisa e Extensão Palco Resistência. A participação em projetos de extensão que estabelecem contato direto com a realidade da educação básica é essencial para a formação inicial de professores para criar conexões entre teoria e prática, desenvolver competências profissionais, refletir criticamente sobre o papel do professor contemporâneo e, principalmente, fortalecer a identidade docente.

5. REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **O Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Editora, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar a perspectiva da experiência** / Yi-Fu Tuan; tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.